



ESTUDANTE

O SR. PEREIRA PINTO * — Senhor Presidente, Srs. Deputados, o medo da subversão e do comunismo vai acabar levando este País ao caos.

Sr. Presidente, a mocidade vai para as ruas protestar contra o *status quo* vigente, que não constrói e que está enganando a si próprio, porque o Presidente da República, o Mal. Costa e Silva, já é prisioneiro do subdesenvolvimento como todos os outros Presidentes anteriores o foram, e não tiveram a coragem necessária para enfrentar a realidade brasileira. A mocidade, que representa 70% do nosso País chega à conclusão provada de que 1/5 deste território já foi vendido a estrangeiros. Ser vendida tal área a estrangeiros, em qualquer país, seria o maior crime de lesa-Pátria que se poderia cometer. Essa mocidade não pode assistir a isso de braços cruzados. Este Congresso não pode assistir, impassível a intromissão de estrangeiros em nosso território.

Dizem que vários Ministros nossos possuem mentalidade nacionalista. Mas que nacionalismo é esse, Sr. Presidente, que começa a pecar por medo — medo de estudantes que protestam porque não têm comida, porque não têm escolas, porque querem ver um Brasil maior? Pobre estudante brasileiro, que tem uma estrutura educacional com 62% de analfabetos. Pobre país o nosso, que pretende resolver o problema educacional com bolsas de estudos, quando qualquer país, ao iniciar uma revolução, a primeira coisa que faz, e facilmente, é resolver o problema da alfabetização.

O Brasil continua naquela velha tese primária, subdesenvolvida, arcaica, superada, de dar bolsas de estudos para que o político as distribua. O único instrumento que o pobre Deputado brasileiro tem para levar para a sua terra, hoje, é uma bolsa de estudos.

Mocidade brasileira que está chegando à conclusão de haver um abismo enorme entre as Forças Armadas e as forças civis; mocidade brasileira que vê o seu País, com dimensões continentais, pedir, de pires na mão, aos países desenvolvidos, aquilo de que eles não precisam; povo brasileiro que já foi enganado muitas vezes pelo imperialismo, ao dizer que esta gente não podia ir para a frente, porque era descendente do índio, do português e do africano; povo brasileiro que chegou a acreditar que não seríamos suficientemente competentes para dar a esta Pátria o desenvolvimento que ela pede. Mas a prova maior que a mocidade viu foi que Kubitschek, em quatro anos, fez a Capital mais bela do mundo, marco de uma nova civilização — e aí ela adquiriu mentalidade e coragem para ir para as ruas, porque sabia que o povo era capaz — mocidade brasileira que não mais está de acordo com o bipartidarismo, política, inclusive, que começa a estraçalhar-se em sublegendas, como se essa fosse a forma melhor para corrigir tudo isso o que aí estamos vendo; mocidade brasileira que vê o seu Exército sem der construir as suas próprias armas; mocidade brasileira que vê a sua Marinha de Guerra sem poder construir seus próprios navios; mocidade brasileira, que vê a sua Aeronáutica sem poder construir seus próprios aviões; mocidade brasileira que não frustrar-se, como a nossa geração se frustrou.

* Não foi revisto pelo orador.

— 607 —

Sr. Presidente, quero fazer um apêlo, mais uma vez, às Forças Armadas deste País, para que não continuem servindo de sustentação para uma minoria que quer comer e viver bem; que, há mais de vinte anos, vem tendo esse privilégio, quando a miséria grassa em todo o território. Qual o político que vai para o interior e não vê o desemprego? Que desenvolvimento é este, em que o operário ganha somente 120 cruzeiros por mês, não tem poder aquisitivo suficiente para comprar e para fazer o mercado interno? Que Política louca é esta de dizer que o salário aumenta o custo de vida? Se fosse assim, um trator fabricado nos Estados Unidos deveria custar 100 vezes mais do que um igual feito no Brasil. Se fosse assim, o trigo e o milho produzidos nos Estados Unidos deveriam custar muito mais do que em nosso País, porque o poder aquisitivo do povo americano é de 4 mil dólares e, o do povo brasileiro, somente 230 dólares.

O Sr. Presidente, o Marechal Costa e Silva é prisioneiro desse subdesenvolvimento. A única saída para S. Exa. deverá ser a da comodidade, deixando que as coisas se resolvam por si mesmas. Este é o maior mal que um poder pode fazer ao povo: deixar as coisas como estão, num país, como o Brasil, com dimensões continentais.

Que adianta somente o porto livre de Manaus para resolver os problemas da Amazônia, quando lá já deveriam estar Marinha e Exército, ocupando todo o território, expulsando todos aqueles que para lá vão explorar as suas terras? Que adianta política desse tipo? Que adianta prender estudantes? Que adianta espantar jovens, quando a mocidade é a única coisa válida que possuímos? Essa mocidade quer estourar a estrutura que aí está, viciada, arcaica, superada, irrecuperável.

Portanto, em nome da minha geração, faço aqui um apêlo aos homens patriotas deste Governo, acreditando no patriotismo ainda do nosso Exército, para que acabem com tudo isso que aí está, que desarmem todo esse dispositivo montado dentro da nossa República, porque o Brasil possui um dos solos mais ricos do mundo. O Brasil possui o lençol petrolífero mais vasto do mundo. O Brasil possui as maiores quedas de água do mundo e não pode nem deve ser mais um País subdesenvolvido.

O Sr. Jonas Carlos — V. Exa. está fazendo um discurso puramente construtivo. Com essa estrutura arcaica, viciada, desde o seu descobrimento, não há mais homem no mundo que endireite este Brasil. Daqui, para a catástrofe. Aliás, segundo a voz do povo, quando a coisa está muito ruim, está perto de melhorar ou de acabar. Não há no mundo quem acabe com o Brasil, dadas as suas grandes disponibilidades. Mas parece que, para melhorar, é preciso arruinar. É o que está acontecendo no Brasil. Está-se arruinando o Brasil cada vez mais, talvez para melhorar depois. Com esta estrutura, não há homem que conserte este País.

O SR. PEREIRA PINTO — Agradeço a V. Exa., Deputado da ARENA, homem que diz a verdade. V. Exa. reconhece que nada mais se pode construir, dentro da estrutura que aí está.

Portanto, Sr. Presidente, que a mocidade vá para as ruas; que a mocidade proteste. A hora, Sr. Presidente, é de pacifica-

— 608 —

ção nacional. A hora, Sr. Presidente, é de anistia para todos os políticos que se encontram fora deste País. A hora, Senhor Presidente, é de desarmamento dos espíritos. E cabe aos homens de responsabilidade evitar o caos, que se poderá transformar numa guerra civil, se por acaso, continuarmos a teimar com medo da subversão e do comunismo.

Imagino, Sr. Presidente, se essas autoridades vivessem na França, onde o partido comunista tem 4 milhões de adeptos. Imagino Sr. Presidente, se essas autoridades vivessem na Itália, onde está o maior partido comunista do mundo, e onde, inclusive o Papa reside.

Construamos a nossa democracia. Façamos do Brasil a grande Pátria da América Latina. Façamos deste País o exemplo de democracia, mas protestando sempre contra isto que aí está acontecendo — espancamentos, prisões — queremos tirar a mocidade das ruas, quando a hora é de a mocidade ir para as praças públicas, dar o seu grito de lerta contra esse estado de coisas.

Anistia para os políticos, Sr. Presidente. Que se libertem os preços e se deixe a mocidade lançar o seu protesto, porque este é o grande país do futuro. O Brasil, que haverá de reformar o mundo, com suas riquezas e com o seu exemplo.

O Sr. Glênio Martins — Como fluminense, colega de representação de V. Exa., e como brasileiro, quero testemunhar-lhe as minhas felicitações pelas palavras de angústia e de perplexidade que neste momento traz a este plenário. Esse, realmente, é o estado de espírito de toda a mocidade brasileira, que se vê sufocada em seus anseios de liberdade, que se vê impedida de realizar o grande destino a que está reservado este País. V. Exa. Deputado Pereira Pinto, está-se credenciando mais uma vez junto àqueles jovens universitários que o trouxeram, com seu voto, a esta Casa. Serão pronunciamentos como o de V. Exa. que, queiram ou não as forças da ditadura, queiram ou não aqueles que lutam cada vez mais para sufocar o que resta de liberdade neste País, nos propiciarão o clima para redemocratização do País, para que, então, os jovens, sementeira e levedura da Pátria nova do amanhã, possam criar-se e se educar num ambiente de liberdade e progresso.

O SR. PEREIRA PINTO — Agradeço a V. Exa. pelo aparte com que me honrou.

Portanto, Sr. Presidente, que o Governo deixe de prestar a atenção que está dando à Frente Ampla, as passeatas de estudantes, aos trabalhadores que vão à praça pública, que o Governo, enfim retome outra vez um sentido patriótico. Quando um país se desenvolve, tudo isso não passa de superficialidade. É como na época do Sr. Juscelino Kubitschek, quando havia aqueles golpes, aquelas intensões de revolução; e Juscelino Kubitschek respondia com os empreendimentos que estava dando ao Brasil, respondia com a indústria automobilística, respondia com Brasília, respondia com a Belém-Brasília, respondia com tudo aquilo que V. Exas. viram nesta Pátria e que podemos ver outra vez — o desenvolvimento para o povo e pelo povo, para têrmos uma grande democracia.

Só assim poderemos construir esta Pátria. Senão, daqui a pouco estaremos todos prisioneiros outra vez de uma estrutura

— 609 —

que aí está querendo envolver-nos, junto com a Presidência da República e mantida por uma minoria que teima em querer levar este País ao caos.

Sr. Presidente, em nome da minha geração, conclamo essa mocidade para ir às ruas e gritar pela liberdade, pela democracia, pelo desenvolvimento, por uma política nobre e à altura de um país que tem a estrutura de uma grande potência, que tem o direito de transformar-se numa grande potência, pois, este é, realmente, um dos poucos países do mundo a ser uma grande nação.

Nossa luta tem de ser contra o imperialismo, contra esse arcaísmo que o imperialismo irriga nesta Pátria.

Portanto, aqui fica, em nome da minha geração, a conclamação para que esta Pátria retome o caminho que lhe está destinado, com o povo, para o povo e pelo povo. *(Muito bem.)*

Durante o discurso do Senhor Pereira Pinto, o Senhor Matheus Schmidt, 2.º Vice-Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Daso Coimbra, Suplente de Secretário.

Tem a palavra o Senhor Pereira Lopes.

GOVERNADOR

O SR. PEREIRA LOPES — *(Lê)* — Sr. Presidente, Senhores Deputados, São Paulo e o País foram abalados no dia 1.º de maio próximo passados pelo acontecimento de gravidade e violência inusitadas que se desenrolaram na tradicional Praça da Sé, por ocasião das solenidades comemorativas do Dia do Trabalhador, que aí se celebravam. Direi melhor que se celebrariam, não fôsse a irresponsabilidade, a fúria, o sectarismo e a incompreensão de uma pequena minoria de agitadores profissionais que se aproveitando do clima de liberdade que vigia e vige tanto na Capital, quanto no Interior do meu Estado com fúria que tocou às raias da insânia, investiu contra a pessoa do Governador dos paulistas e contra os que com ele se achavam no palanque, com paus, pedras e barras de ferro.

O Governador estava desarmado; desarmados seus auxiliares imediatos e seus Secretários de Estado que com ele resistiram e revidaram bravamente à torpe agressão.

Fizera questão o Governador de dispensar, não apenas o policiamento ostensivo, como também aquele disfarçado, sempre presente nestas ocasiões. Nem mesmo tivera preocupações quanto à sua segurança pessoal, pois queria sentisse junto ao povo irmanado com ele na celebração do Dia do Trabalhador desse trabalhador a quem São Paulo e o País devem sua riqueza e seu progresso.

Por isso também lá não havia, na Praça da Sé, no dia 1.º de maio, cordões de isolamento, entre o palanque e o povo; nem, como já foi dito, tropas, fuzis, metralhadoras, gás lacrimogêneo, carros de assaltos, etc., etc.

Para que tudo isso, se o Governador comparecia à Praça, atendendo a convite de trabalhadores que, pacificamente reunidos desejavam comemorar a Data do Trabalho, dialogar pela palavra dos seus líderes com os homens do Governo e através

An. Cám. Dep., Brasília, v. 9: 543-665, maio 1968